QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS DO ENSINO RELIGIOSO: UMA PROPOSTA A PARTIR DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO

EPISTEMOLOGICAL ISSUES OF RELIGIOUS EDUCATION: A PROPOSAL FROM THE SCIENCE OF RELIGION

ELISA RODRIGUES (*)

RESUMO
Este artigo pretende apresentar brevemente algumas questões relativas à formação da área de Ciência da Religião no Brasil e assinalar em que sentido essa construção tem implicações positivas para a reflexão sobre a oferta do Ensino Religioso na escola pública brasileira (laica). A metodologia apontada, a fenomenologia, na condição de abordagem descritiva e analítica é proposta como meio de abordar as tradições atuantes no campo religioso brasileiro, a fim de assegurar pela promoção do conhecimento reflexivo, uma formação aos jovens cidadãos, de fato, crítica e para a autonomia, conforme orienta a Constituição do Brasil (1988).
PALAVRAS-CHAVE: Ciência da religião. Ensino Religioso. Epistemologia

ABSTRACT
This article intends to present briefly some questions about the formation of Science of Religion area on Brazil and to point what sense this construction has positive implications to a reflection about the Religious Education in the Brazilian public school (secular). The methodology pointed, the Phenomenology, in the condition of descriptive approach and analytic is proposed like a way of approach the traditions on the brazilian religious field, in order to ensure the promotion of reflective knowledge, to forming young citizens, in fact, critical and for autonomy according orients the Constitution of Brazil (1988).
KEYWORDS: *Science of Religion. Religious Education. Epistemology.*

1 INTRODUÇÃO

A despeito do Ensino Religioso (ER) no Brasil ter sido oferecido desde o período colonial sob os auspícios da Igreja Católica, conforme a orientação jesuítica e com finalidade especificamente proselitista e evangelizadora, a discussão sobre esse componente da grade curricular, hoje, ainda alvo de controvérsias no que diz respeito a sua relevância no âmbito da escola pública laica, não deveria se pautar pelo lastro histórico de confessionalidade, pois já existem modalidades de oferta dessa disciplina que negam o privilégio de qualquer discurso religioso, em favor de uma proposta que visa à compreensão da diversidade e preservação do pluralismo de ideias e de crenças religiosas[1].

(*)Doutora em Ciência da Religião, Professora no Departamento de Ciência da Religião (Graduação e Pós-Graduação), da Universidade Federal de Juiz de Fora. Cadeira Religião e Educação.
E-mail: elisa.rodrigues@ufjf.edu.br

[1] A respeito dessa controvérsia ver os artigos de Roseli Fischmann (1996; 2004; 2006), cuja perspectiva se opõe a oferta dessa disciplina com base na declaração de o Estado brasileiro ser laico. Em parte, isso se deve ao fato de que autora entende que o ensino religioso resulta de um processo de pressão das instituições religiosas, especialmente, católicas sobre o Estado, a fim de assuma uma tarefa não lhe cabe, a de formadora religiosa (FISCHMANN, 2008). A argumentação da autora apoiada na história e entende basicamente todo ensino religioso é formação religiosoa, portanto, não deveria ser função de um estado declarado laico. Antes, cabe as famílias, igrejas e instituições religiosas tal responsabilidade. Para além da

Em parte, essa controvérsia tem sua razão na lacuna quanto à definição do objeto e da abordagem metodológica do ER. Problemas ligados à formação dos educadores responsáveis pela condução da disciplina, cuja especificidade exige sua vinculação a uma grande área de estudos. Qual seria essa área?

Nesse texto, propomos que a disciplina ensino religioso deve ser oferecida por especialistas com formação na área de ciência da religião. Essa tese se desdobra em duas outras subteses: 1) No Brasil, a ciência da religião é uma área "jovem" cuja ênfase recai sobre abordagens empíricas da religião (advindas, principalmente, da teologia da libertação e das ciências sociais como espectro disciplinar privilegiado para leitura da "realidade") e 2) o campo de pesquisa da ciência da religião no Brasil exige uma abordagem cujos marcos teóricos-metodológicos prestigiem-no descritivamente, comparativamente e, por fim, conjugando complementarmente o aspecto objetivo e subjetivo do fenômeno religioso. Isto posto, defende-se aqui uma abordagem fenomenológica da religião, que reconhece o valor histórico-social e cultural da religião, assim como o traço simbólico que confere aos sujeitos religiosos dispositivos para a vivência da religião, pragmática e ontologicamente, promovendo entre os educandos o conhecimento necessário para o fortalecimento de noções como o reconhecimento da alteridade e o respeito pela diferença.

É preciso esclarecer que o sentido em que usamos o termo fenomenologia, como veremos adiante, é o sentido do holandês Kristensen, para quem interessa "o olhar" para a religião, a partir dos seus próprios termos, ou seja, olhar atento ao discurso interno à religião e não no sentido de uma fenomenologia interessada numa característica essencial das religiões.

2 CIÊNCIA DA RELIGIÃO, O QUE É?

Com a proliferação de relatos de missionários e viajantes que desde os séculos XVI-XVII deram conta de diversas realidades sócio-culturais e impulsionaram a colonização de diferentes povos, o século XIX testemunhou mudanças quanto às noções de civilização, sociedade, desenvolvimento

discussão da noção de laicidade, de liberdade religiosa e de consciência autônoma que aparecem em seus escritos, interessa-nos desfazer o equívoco da equação ensino religioso é equivalente à formação religiosa. Isto porque o fato de na história do Brasil, como demonstra seu texto este ter sido o modelo dominante não aponta para esse como único modelo. O FONAPER é um dos órgãos interessados nessa matéria e tem insistido que a Ciência da religião é a área de formação do professor de Ensino Religioso. Aliás, esta é a perspectiva desde o início da primeira licenciatura há mais de 15 anos na FURB, em Santa Catarina. Além disso, é sintomático que várias instituições públicas, especialmente universidades federais, estejam formando licenciados em C. da religião com habilitação em Ensino religioso. A Uepa e Unimontes no âmbito estadual e UFJF, UFPB e UFS no âmbito federal são exemplos nesta direção. Cabe ainda ressaltar a fundação da Rede Nacional de Licenciaturas em Esino Religioso (RELER). Esses são exemplos que sinalizam clara alternativa ao paradigma do ensino religioso como confessional e proselitista.

econômico, cultura e outras. Uma das consequências da problematização dos paradigmas até então predominantes foi a fragmentação das disciplinas das ciências naturais e humanas, além do impulso à diferenciação das esferas sociais e ao declínio da hegemonia da Igreja Católica enquanto potência. Tantos fatos históricos importantes, aqui apenas mencionados brevemente, conduziram à relativização dos supostos sobre os quais se assentavam as sociedades ocidentalizadas.

Esse processo contribuiu para o surgimento de disciplinas como a história das religiões, a sociologia da religião e a antropologia (social) voltadas para a busca quanto às formas elementares ou elementos originários que estariam na base do sentimento religioso e que, progressivamente, tomaram a forma de religiões mais complexas. Tendo como fundo uma perspectiva positivista da história e engajadas no projeto iluminista da razão suprema, foi desenhado o quadro de exigências que conduziu ao surgimento da ciência da religião, sob a motivação de autonomia da teologia confessional, mas fortemente marcada por uma teologia filosófica e uma filosofia da religião.

Ainda que a palavra religião tenha sua origem ligada ao pensamento cristão e ocidental, o que se ilustra nas discussões sobre a etimologia do termo (se oriundo *relegre* ou *religare*), a Ciência da Religião consagra-se pela possibilidade de abordar a religião sob diferentes eixos temáticos, os quais representariam as perguntas que a área teria dirigido ao assunto desde seus inícios, como a pergunta pela essência da religião, pela origem da religião, pela descrição da religião, pela função da religião, pela linguagem da religião e pela comparação das religiões. Tais perguntas resultam em distintivas respostas, bem como a composição de diferentes quadros de referências e linhas de interpretação. Para esse texto, escolhemos centralizar a apresentação em duas formas de interpretação: a *essencialista* e a *funcionalista*. Diferentemente das preocupações primeiras consagradas pela teologia, a Ciência da Religião por meio das tradições interpretativas *explicar* e *compreender* buscava analisar o quadro de diversidade de crenças que se apresentava desde o século XIX e com o alvorecer do século XX. Assim, de um lado, estariam pensadores como o alemão F. Schleiermacher, que definiu a religião como sentimento de dependência do Absoluto, substantivando a essência da religião e, por outro lado, os enciclopedistas e autores de origem francesa como E. Durkheim, que atribuíram maior relevância à *função* da religião, a fim de enquadrá-la e explicar o novo tipo de sociedade que se formava na modernidade. Tanto o viés essencialista quanto o funcionalista, portanto, cresceram no ambiente do eixo europeu Atlântico-norte.

As contradições entre ciência e religião expressaram-se no âmbito da, então, jovem Ciência da Religião, por vezes preocupada em demonstrar a superioridade do cristianismo, outras, engajada numa concepção não-essencialista da religião. Não descolada do processo histórico, a Ciência da Religião oscilou entre as tendências de subjetivação e dessubjetivação da experiência religiosa: uma que destacava-lhe o aspecto pscicológico – como estratégia de legitimá-la pelo menos no âmbito da vida privada contra os ataques da razão iluminista – e outra, que destacava-lhe o sentido sistêmico e societário.

Possivelmente, o primeiro uso da expressão Ciência da Religião tenha sido feito por **Max Müller (1823-1900)**, orientalista alemão da Universidade de Oxford que publicou, entre outros títulos, *Four Introductory on the Science of Religion* (1870-1871). Para ele, essa ciência deveria caracterizar-se pela abordagem comparativa. Depois disso, **Joachim Wach (1898-1955)** falou sobre uma Ciência Sistemática da Religião (*systematische Religionswissenschaft*). Outros nomes importantes ainda seriam **Cornelius Petrus Tiele (1830-1902)** para quem devia-se abordar a religião a partir das suas características manifestas (*Elements of the Science of Religion*, Gifford Lectures, 1896-1898) e, **Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye (1848-1920)**, conhecido por conceder particular atenção às questões relacionadas à origem da religião e sua essência, as quais não corresponderiam a mesma coisa, bem como "primitivo" não seria sinônimo de essencial (*Manual of the Science of Religion*)[2].

Mais recentemente, mas ainda na qualidade de referência para a área de estudos da religião, merece destaque **G. van der Leeuw** que elaborou a *Phenomenologie der Religion* em 1933 (em inglês *Religion in Essence and Manifestation*, publicada em Londres em 1938)[3] e adquiriu status semelhante ao de **Rudolf Otto (1869-1937)**, *The Idea of the Holy* (1917), de quem teve forte influência na compreensão de Sagrado e dos elementos irracionais que o compõem[4]. Ambos são reconhecidamente importantes para a Ciência da Religião, assim como o romeno **Mircea Eliade (1907-1986)**, historiador das religiões conhecido pela obra o *Sagrado e o Profano* (1957) entre outros títulos.

A primeira cátedra de Ciência da Religião foi instalada em 1873, mas o modelo normativo foi composto em 1924, quando Wach publicou na Universidade de Leipzig uma obra falando a respeito da complementaridade

[2] Para um quadro mais completo, ver CAPPS, 1995, p. 105-156.
[3] *Religion in Essence and Manifestation* é um exemplo claro da fenomenologia da religião, considerado uma performance fenomenológica mais do que uma discussão de fenomenologia, em razão de seus insights metodológicos (CAPPS, 1995, p. 129).
[4] OTTO, Rudolf. *O Sagrado. Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.* Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

entre o empírico-histórico e o sistemático dentro da estrutura do curso[5]. Para ele, a Ciência da Religião assentava-se na ideia de diferentes abordagens associadas tanto à natureza da religião, quanto à experiência religiosa e expressões objetivadas. Portanto, uma abordagem do fenômeno religioso articulada entre as ciências humanas que, atualmente, tem sido chamada interdisciplinar.

Sobre a área de pesquisa, merece destaque a discussão que gira em torno da definição do método (ciência ou ciências) e do objeto (religião ou religiões). A área pode ser designada basicamente sob três nomenclaturas: Ciência da Religião, Ciências da Religião e Ciências das Religiões. A diversidade de títulos aponta para um debate sem consenso na atualidade que pode ser compreendido segundo diferentes posicionamentos (SOARES, 2010, p. 80-81; 110).

Ciência da Religião explicitaria o suposto de que se trata de uma ciência autônoma dedicada ao estudo da religião como objeto (GRESCHAT, 2005). Esta nomenclatura é a adota em grande parte dos países de fala germânica e mesmo nos países baixos.

Ciências da Religião supõe o estudo do objeto religião a partir de um conjunto de disciplinas (filosofia, ciências sociais da religião, psicologia, história etc.), configurando a área como de enfoque multidisciplinar (TERRIN, 2003).

Ciências das religiões designaria uma área multidisciplinar cujo objeto seriam as diferentes religiões (FILORAMO, PRANDI, 1999;). Não se admite que há um fenômeno singular (denominado de religião), mas diversas religiões particulares que devem ser consideradas em sua peculiaridade.

Em certa medida, as diferenças relacionadas aos nomes acima tem relação com as escolas traditivas: a escola francesa novecentista das *sciences religieuses,* cujo *background* histórico é marcado pelo conflito com o catolicismo e a instauração de um laicismo que se pretendia neutro quanto às diversas religiões, a escola alemã *da ciência da(s) religiõ(es)* em que a autonomia da área é suposto para o estudo cientifico da religião, na qual a presença da teologia não

[5] Uma breve cronologia pode ser consultada em SOARES, 2010, p. 104-105:
1873: Primeira cátedra de História das Religiões fora da Teologia (*Facultè des Lettres* da Universidade de Genebra).
1877: fundação de equivalentes nas universidades holandesas de Utrecht, Groningen, Leyden e Amsterdã, que abrigam outras duas importantes referencias: Cornelius Peter Tiele (Leyden) e Daniel Chantepie de la Saussaye (Amsterdã).
1879: Inauguração da cátegra em História Geral da Religião no *Collège de France*.
1886: A Faculdade de Teologia na Sorbonne foi substituída pela *section des Sciences Religieuses* da *École des Hautes Études*.
Outras cátedras dessa disciplina: Bélgica (1884), Itália (1886 e após 1924, com status independente da teologia), Suécia (1893), Inglaterra (1904), Alemanha (1910), Dinamarca (1914) e Noruega (1925).

confessional é admitida principalmente em função das contribuições legadas do início do século XX e, por fim, a escola reconhecida pelo nome de *Religious Studies*, marcada pela influência norte-americana assentada sobre o reconhecimento da pluralidade religiosa.

3 A CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL

Com relação ao surgimento da Ciência da Religião no Brasil, Dreher (2012) ressalta a tendência aos estudos empíricos da religião destacando-lhes o espectro de uma cultura militante de engajamento com causas sociais e grupos minoritários, que forjou-se no âmbito de uma teologia latino-americana afinada com os discursos formulados pelas ciências sociais, comprometida com o viés marxista. O autor lamenta a ausência de discussões de fundo epistemológico mais sofisticadas que, para além do aspecto prático da religião, poderiam ir em direção de uma abordagem da religião enquanto fenômeno que polissemicamente concede aos sujeitos religiosos horizontes de compreensão que excedem o universo da imanência.

Gross, igualmente, destaca a forte influência da teologia nos inícios da Ciência da Religião no Brasil, conquanto, reconhecendo-lhe certo caráter de bandeirantismo na cooperação em abrir espaço na academia para estudos de religião externos ao clero, princinpalmente, católico, e conquistar a atenção da intelectualidade brasileira que, até 1970, não atribuía à religião o status de objeto de investigação científica[6]. Gross ressalta os méritos da teologia da libertação e em recolocar a teologia no âmbito da discussão pública, mesmo que pela ênfase à "prática": "ela conseguiu despertar interesse num segmento da academia que a percebeu seja como uma novidade no mundo religioso brasileiro, seja como aliada num projeto emancipatório, seja como uma renovação na atitude da religião em relação à academia" (GROSS, 2012, p.14).

Assim como intelectuais de outras áreas, alguns cientistas da religião brasileiros têm uma tendência autojustificadora de analisar a gênese dos estudos da religião no Brasil ressaltando-lhe a falta, o caráter negativo e ou as lacunas. Nesse sentido, mais como *desvio* de um processo de formação da área, ideal-típico, cujo modelo é o europeu, do que reconhecendo-lhe as peculiaridades e idiossincrasias culturais de contingência histórica, política e cultural. Parece difícil, por vezes, reconhecer a positividade da contribuição da teologia engajada-militante e de viés materialista que, como ressaltou Gross,

[6] Aparentemente, há aqui uma crítica aos estudos sobre religiões afro que desde Nina Rodrigues no início do século XX até Pierre Verger já se debruçavam sobre o tema da religião, mas o teriam feito secundariamente visto que o foco dos estudos recairia na cultura.

contribuiu à formação da área no Brasil; o que não significaria abster-se da crítica com vistas ao refinamento de seus marcos teóricos. Mas, talvez, a fim de pensar essa área no Brasil, a partir do reconhecimento de sua fragilidade conceitual, fosse mais profícua a discussão teórica não-ressentida.

Ao reconhecer a especificidade do processo de formação da área no contexto brasileiro, torna-se possível pensar a compreensão mesma de como o objeto religião foi construído, isto é, não em decorrência de uma separação conflitiva entre religião e academia, ou religião e Estado (como nos casos europeus, francês e alemão); mas como, possivelmente, uma estratégia de legitimação da própria religião que pretendia não ser excluída da esfera pública e sepultada na esfera da vida privada. A religião vai para academia pensadamente dessubjetivando-se porque necessitava sobreviver, primeiramente, aos processos de secularização e desencantamento (no sentido de Schiller, desdivinização) do mundo. Trata-se de uma manobra estratégica e não o desvio de um modelo ideal de área: ao fixar a pertinência material do objeto religião, pelo enquadramento funcionalista, estudar o fenômeno torna-se um projeto complementar aos estudos da realidade brasileira e assim justifica-se a pertinência de sua entrada na academia como objeto de investigação. O fenômeno, de fato, não é observado em sua especificidade, mas a lacuna tem sua razão em vista da própria jovialidade da área.

Gross lembra que a tomada acrítica dos marcos teóricos de abordagem da religião que enfatizavam apenas a "realidade concreta" subestimou outras disciplinas das ciências humanas como a psicologia. Isso, em razão de a história da teologia na modernidade ter encontrado na subjetivação da religião a saída para justificar a relevância dos estudos de religião em face do positivismo acadêmico. A religião na condição de experiência religiosa se situaria num lugar inacessível ao empirismo que marca o cientificismo a partir do século XVIII (SHARF, 1998, p. 96). Portanto, o recurso à materialidade da religião emerge também como um processo de dessubjetivação da religião, uma volta que visava recolocar a teologia ou os estudos de religião no âmbito do debate público e em relação com a política. Mas essa manobra, segundo Gross, leva à perda de "algo da sua possibilidade de compreensão da relação entre a dinâmica emocional e as experiências sociais" (GROSS, 2012, p. 18). Esse "salto" que a Ciência da Religião no Brasil teria dado em relação ao seu procedimento de abordagem da religião teria contribuído para a formação de uma área internamente confusa quanto ao elemento que lhe confere unidade. Seria o "objeto" ou o "método"?

As respostas que têm sido formuladas basicamente refletem uma polarização de opiniões: de um lado, pensa-se a Ciência da Religião como área cuja unidade seria garantida pela religião enquanto objeto de interesse para investigação e,

nessa perspectiva, a peculiaridade da área seria a proposta metodológica multidisciplinar (ou polimetodológica) e, do outro lado, propõe-se uma área cujo interesse primordial seria o fenômeno religioso, abordado segundo a peculiaridade do método fenomenológico. Neste último caso, seriam também disciplinas auxiliares a filosofia e a teologia que integrariam o projeto da área por caracteristicamente pensarem a religião do ponto de vista interno e ontológico. Aqui vale lembrar a crítica de Frank Usarski quanto a uma linhagem da fenomenologia e sua pretensão de chegar a uma essência da religião. Basicamente, para ele as religiões são diferentes entre si e caberia a análise comparativa delas, conquanto, respeitando a singularidade de cada uma[7].

A partir desse quadro de controvérsias, parece-me interessante pensar como, tendo em vista a polaridade de perspectivas teóricas e metodológicas na gênese das Ciências da Religião no Brasil (oriunda das disciplinas teologia e ciências sociais)[8], pode-se fortalecer conceitualmente a área a partir da investigação da religião na condição de fenômeno que excede perspectivas de natureza estritamente subjetivistas ou objetivistas?

Os marcos desse debate epistemológico interessa aqui tanto pelo esclarecimento do objeto mesmo da Ciência da Religião, quanto pela sua abordagem no sentido de destacar qual seria a metodologia para orientar, também, a disciplina ER no contexto da escola pública. Cabe lembrar que no Brasil a Ciência da Religião teve início com programas de pós-graduação e o paradigma epistemológico que emerge do debate nesse âmbito. Uma vez que as licenciaturas ainda são muito recentes, o debate não sinaliza com clareza as tendências existentes. Mas, até então, parece haver forte ênfase no estudo de tradições religiosas.

4 O ENSINO RELIGIOSO E A ABORDAGEM DA RELIGIÃO COMO FENÔMENO

A controvérsia epistemológica que salienta o debate sobre o perfil teórico-metodológico da área aponta perguntas como "a disciplina consiste num campo de estudos interdisciplinar ou é uma disciplina unitária? Trata-se de uma ciência ou são ciências da religião? Deve a religião ser considerada como um fenômeno de originalidade irredutível ou como derivação de outras instâncias da realidade, como a sociedade, a psiquê e a cultura?" (SOARES, 2010, p. 107).

[7] Ver especialmente o capítulo "Os enganos do Sagrado", em que Usarski (2006, p. 31-54) delineia sua crítica.

[8] Uma mostra dessa diversidade de abordagens da Ciência da Religião o Brasil pode ser vista na *Revista Numen* (v. 15, n. 2 (2012), no qual os diversos programas de pós-graduação em C. da religião são apresentados. Disponível em <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen. >Acesso em 25 nov. 2013.

Tais perguntas são relevantes na medida em que expressam supostos anteriores à abordagem do objeto religião. Com isso, quero dizer que a abordagem do objeto, em alguma medida, estará condicionada tanto pelos pressupostos do cientista-pesquisador, quanto pelo seu olhar acadêmico, isto é, a ênfase de sua formação. Como discutido em outras ocasiões[9], essa *afecção* não torna a pesquisa mais ou menos legítima, conquanto, sinaliza para a historicidade em que se inscreve o próprio pesquisador e para o processo mesmo de construção do objeto. Assim, não se trata de defender um ou outro horizonte interpretativo, mas reconhecer que quaisquer que forem as abordagens empregadas sempre se evidenciará uma perspectiva em detrimento de outras. Nesse sentido, tanto a visão essencialista quanto a funcionalista abordam o objeto religioso com deficiência por tomarem-no de um lado, exclusivamente como dimensão ligada à subjetividade e, do outro, como sistema classificatório por meio do qual o crente media sua relação com o mundo.

Abordar a religião sob a condição de fenômeno significa conferir-lhe status de singularidade. Isto é, tratar a religião enquanto fenômeno autônomo de determinações histórico-sociais e ou exclusivo do reino dos sentidos. Diferente disso, subjetividade significa uma faculdade humana de conhecimento. A capacidade de se apreender algo por meio de uma faculdade que extrapola a razão. Antes disso, interessa reconhecer que a religião se singulariza na experiência do crente, razão pela qual compreendê-la requer imergir no universo das ideias e das práticas religiosas, a fim de que pelo conhecimento dos termos dos religiosos se faça uma aproximação, mesmo que assintótica, do que ela significa em termos de experiência do ser-no-mundo.

Esse exercício nos autoriza a dizer da religião, especialmente, da experiência religiosa, que tem dupla dimensão: subjetiva (que expressa-se no nível ontológico, da possibilidade de conferir sentido à existência do ser no-mundo) e outra objetiva (que expressa-se no nível sócio-político, concedendo ao indivíduo o *elã* capaz de mobilizar-lhe pragmaticamente na vivência das relações sociais). É disso que trata a fenomenologia da religião, ilustrada aqui por Kristensen (1960): da possibilidade de abordar a religião pela via da descrição, da comparação e da sistematização. Antes do chamado *perspectivismo,* proposto pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, Kristensen (1960, p.13) falava da importância de tentar compreender a experiência do crente a partir de seus próprios termos, ou seja, por uma via interna ao discurso e não apenas externa e

[9] Com relação ao tema da *afecção* pelo objeto de pesquisa, elaborei um artigo publicado sob o título "Ciência da religião e ciências sociais: aproximações e distanciamentos" (In *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol. 2, nº 1, 2011, p. 65-79).

descritiva ao crente[10]. Já em seu livro *The Meaning of Religion* não dispensou a elaboração e o uso das categorias, mas pensou-as como fruto dessa imersão no universo do sujeito religioso. Como resultado, as categorias *da* e *sobre* a religião adquiririam o status de singulares e não normativas, daí a autonomia da religião.

A grandeza da abordagem fenomenológica, entendida no sentido acima, reside no fato de que não prescinde do trabalho etnográfico. A relação entre fenomenologia e antropologia se contempla justamente na relevância dada à perspectiva de quem vive a religião, uma perspectiva interna à religião, representada pelos diferentes pontos de vista dos religiosos[11]. É disso que na escola pública deve tratar uma disciplina como o ensino religioso: do conhecimento sobre a diversidade religiosa e da promoção do respeito ao direito de escolha do outro em viver ou não, uma religião. Tanto para aquele que confessa uma crença, quanto para aquele que não atribuiu à religião valor fundamental, é preciso sinalizar que a substância da experiência religiosa – sob diferentes modos de religiosidade, isto é, institucionalizada ou não – traduz-se na possibilidade de atribuir sentido à existência, espiritual e moralmente.

Ao definir como eixos organizadores do componente curricular ER, os blocos temáticos "Culturas e tradições religiosas", "Escrituras sagradas", "Teologias", "Ritos" e "Ethos", os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER) formulados pelo FONAPER (2009, p. 50-51), querem contemplar a) a diversidade das tradições religiosas presentes no campo religioso brasileiro, no que diz respeito aos sistemas de doutrinas, princípios teológicos e éticos que formularam, b) o conjunto de textos autoritativos com base no qual seus sistemas teológicos e de crenças se apóiam, c) a hermenêutica desses textos e, como resultado desses fundamentos, d) os ritos religiosos (práticas) e modelos de comportamento que derivam da compreensão dessa literatura e teologia fundante. Nesse sentido, os conteúdos foram organizados segundo uma perspectiva metodológica que lhes reconhece a singularidade de metafísica, estrutura, função e projeção. Todas, porém, segundo certa operacionalidade que é complementar.

Com base nessa estratégia multidisciplinar, acredita-se ser possível "o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso" sem qualquer finalidade proselitista e, salvaguardando a liberdade de expressão religiosa (ou ideológica) do educando (FONAPER, p.57). O que se recomenda

[10] "If the historian tries to understand the religious data from a different viewpoint than that of the believers, he negates the religious reality. For there is no religious reality other than the faith of the believer".

[11] Sobre isso, alguns comentaristas têm dito que ao dar ênfase ao ponto de vista do crente, o objeto de estudo não seria mais a adoração mesma (ou experiência religiosa) e sim o praticante da religião (SEGAL, 1992. p.23). Entretanto, o que se pretende com a valorização dos termos do sujeito religioso é evitar a profanação reducionista da dimensão subjetiva da experiência religiosa.

fazer com tratamento adequado às etapas do desenvolvimento cognitivo do educando e atenção à "bagagem cultural religiosa do educando, seus conhecimentos anteriores; a complexidade dos assuntos religiosos, principalmente devido à pluralidade; a possibilidade de aprofundamento" (FONAPER, p.58).

Isto posto, supomos que a Ciência da Religião na condição de área que concede especial atenção ao fenômeno religioso tem os instrumentos teóricos e metodológicos adequados para o ER dos objetivos, conteúdos, estratégias e procedimentos necessários para a abordagem das religiões, ressaltando-lhes a relevância pragmática e ontológica e contribuindo para a formação de cidadãos críticos quanto às qualidade e aos limites das religiões no âmbito social. A formação oferecida pela Ciência da Religião tem condições de superar o proselitismo historicamente atribuído ao Ensino Religioso, pela superação do comprometimento com instituições religiosas, pelo compromisso de rigor teórico-metodológico e pelo avanço dos reducionismos forjados no âmbito de outras disciplinas cujo objeto central é outro que não a religião.

REFERÊNCIAS

CAPPS, Walter H. **Religious Studies**. The Making of a Discipline. Minneapolis: Fortpress, 1995.

DREHER, Luís. Teologia e Ciência(s) da religião: dois modelos. Texto apresentado no Simpósio 54 "A Teologia e a Ciência da Religião". In: **III Congreso Ciencias, Tecnologías y Culturas. Diálogo entre las disciplinas del conocimiento. Mirando al futuro de América Latina y el Caribe. Hacia una internacional del conocimiento.** Realizado entre os dias 7 a 10 de Janeiro de 2013, Universidad de Santiago de Chile. (Texto mimeo).

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões.** Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

FISCHMANN, Roseli (Org.). Relatório da comissão Especial de Ensino Religioso do Estado de São Paulo. São Paulo: Biblioteca da FESUSP, 1996.

FISCHMANN, Roseli. Ainda o ensino religioso em escolas públicas: subsídio para a elaboração de memória sobre o tema. In **Revista Contemporânea de Educação v**. 1, n. 2 (2006). Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.fe.ufrj.br/index.php/contemporanea/issue/view/4.> Acesso em: 10 out. 2012.

FISCHMANN, Roseli. Escolas públicas e ensino religioso: subsídios para a reflexão sobre o Estado laico, a escola pública e a proteção do direito à liberdade de crença e de culto. In: **Comciência. Revista digital** 56 (2004). Disponível em: <http://www.comciencia.br/200407/reportagens/09.shtm>. Acesso em: 14 out. de 2012.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião.** São Paulo: Paulinas, 2005.

GROSS, Eduardo. A ciência da religião no Brasil: teses sobre sua constituição e seus desafios. In: OLIVEIRA, K. L.; REBLIN, I. A.; SCHAPER, V.G.; GROSS, E.; WESTHELLE, V. (Orgs.). **Religião, política, poder e cultura na América Latina** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012. p.13-26.

KRISTENSEN, W. Brede. **The Meaning of Religion: Lectures in the Phenomenology of Religion.** Tradução de John. B. Carman. The Hague: Martinus Nijhoff, 1960.

RODRIGUES, Elisa. Ciência da religião e ciências sociais: aproximações e distanciamentos. In: **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, vol. 2, nº 1, 2011, p. 65-79.

SEGAL, Robert A. **Explaining and Interpreting Religion:** Essays in the Issue. New York: Peter Lang, 1992.

SOARES, Afonso M. L. **Religião & educação:** da ciência da religião ao ensino religioso. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção temas do ensino religioso).

TERRIN, Aldo N. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

Bibliografia consultada

CAMURÇA, Marcelo. Ciência da religião, ciências da religião, ciências das religiões? In: **Ciências sociais e Ciências da religião,** polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

PASSOS, João Décio. **Ensino religioso, construção de uma proposta**. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção Temas do Ensino Religioso – Pressupostos).

SENA, Luzia (Org.). **Ensino religioso e formação docente**. Ciências da religião e ensino religioso em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2006.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008.

USARSKI, Frank. **Constituintes da ciência da religião.** Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas,2006.

SHARF, R Robert. Experience. TAYLOR, Mark C. **Critical Terms for Religious Studies.** Chicago: The University of Chicago Press, 1998. p. 94-107.

Recebido em 11/12/2013
Aprovado em 05/02/2014